

## Uma visão global sobre os estudos de religião

*Esdras Roberto Ferreira Boccato\**

ALLES, Gregory D. (Org.) **Religious studies: a global view**. New York: Routledge, 2008. 353 p.

A partir de uma perspectiva global, este livro, publicado em inglês, tem por objetivo oferecer uma visão atual das pesquisas que se desenvolvem no campo dos estudos de religião. O organizador convidou uma série de especialistas na matéria que produziram textos que foram então sistematizados em dez capítulos dedicados respectivamente a dez regiões geográficas globais, quais sejam: Europa Ocidental, Europa Oriental, África do Norte e Ásia Ocidental, África Subsaariana, Sul e Sudeste da Ásia, Ásia continental, Japão, Austrália, Nova Zelândia e ilhas do Pacífico, América do Norte e América Latina.

O primeiro capítulo, dedicado à Europa Ocidental, foi elaborado por Michael Stausberg, professor de Estudo de Religião na Universidade de *Bergen* (Noruega). Informa o autor que, embora possa parecer uma unidade geográfica homogênea aos olhos de um americano ou um asiático, a Europa Ocidental é dividida por barreiras linguísticas, poderosos Estados-nação e diferentes identidades nacionais e regionais. Existe um esforço atual da União Europeia em internacionalizar o campo acadêmico, com o intercâmbio de estudantes e professores, criação de fundos de pesquisa e introdução de grades acadêmicas comuns. Muitos pesquisadores reconhecem o prejuízo de uma visão eurocêntrica da religião e existe um vivo debate sobre tal questão principalmente na Grã-Bretanha, Holanda,

---

\* Mestre em Filosofia pela Unicamp e Doutorando em Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo e Pesquisador do Grupo de Pesquisa REPAL na mesma universidade.

França, Alemanha, Dinamarca e Itália. Também muitos *scholars* rejeitam a noção de santo e sagrado como conceitos-chave no estudo de religião. A emergência institucional acadêmica do estudo de religião ocorreu na Europa a partir de Genebra (1873), *Leiden* e Amsterdã (1877) em Paris (1880) no *Collège de France* e também na quinta seção da *École Pratique des Hautes Études* (1886). Esta última é atualmente a maior instituição isolada de estudo de religião. Após a Segunda Guerra Mundial, várias associações de pesquisadores se formaram na Europa, todas com a palavra “história” em sua composição, porém ocorreu uma substituição paulatina da palavra “história” para “estudo”. Durante as décadas de 70 e 80 do século passado, a maioria dos pesquisadores de religião, mesmo em suas variações não-confessionais, eram predominantemente cristãos, porém essa não é mais a regra.

Já o capítulo dois, dedicado à Europa Oriental, foi desenvolvido pelo professor Eugen Ciurtin, *fellow* do Instituto de Estudos Avançados do *New Europe College* (Bucareste) e da *Maison des Sciences de l'Homme* (Paris). Como Europa Oriental e para os propósitos dos estudos de religião, delimita o referido professor a área geográfica de pesquisa como composta da Grécia, Bulgária, República Theca, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Polônia, Romênia, Eslováquia, Albânia, Bósnia-Herzegovina, Croácia, Macedônia, Montenegro, Sérvia, Eslovênia, Belarus, Moldávia, Ucrânia e parte da Rússia. O caleidoscópio de línguas existentes nessa região reflete como um espelho na multiplicidade das pesquisas. A história política da região e a insuficiente secularização das comunidades de cultura ortodoxa são fatores de influência sobre as pesquisas. A categoria “religião”, antes de ser um convite para uma investigação calma, racional e erudita, é motivo de disputas regionais. A não-comunicação entre os pesquisadores desses países e as diversidades e especificidades culturais, fazem com que as pesquisas estejam atualmente voltadas para as questões locais. Anteriormente, em razão da Segunda Guerra Mundial e da seguida Guerra Fria, muitos pesquisadores se viram forçados a emigrar para a Europa Ocidental e os Estados Unidos, e a partir desses locais produziram várias pesquisas sobre religião, cujo exemplo principal é Mircea Eliade.

Patrice Brodeur (*Faculty of Theology and the Sciences of Religion – University of Montreal*) observa no capítulo 3, dedicado à África do Norte e Ásia Ocidental, que na região ocorre uma interconexão entre história e política no ambiente universitário e também a

presença marcante de instituições cristãs, judaicas e islâmicas. Tal pesquisador justifica o uso do termo *Ásia Ocidental* pelo fato de ser uma expressão utilizada pelos estudiosos localizados nessa área e também pelo fato de que o termo “*Oriente Médio*”, está ligado aos conceitos colonialistas introduzidos pelo Império Britânico. Abrange uma área que cobre desde o Marrocos até o Afeganistão, incluindo Turquia ao norte e Somália ao sul. A história pré-moderna do estudo de religiões está ligada às antigas culturas e textos árabes, hebraicos e persas, isto é, antes do colonialismo europeu cujo marco na região foi a invasão de partes do Egito pelas tropas napoleônicas entre 1798 e 1801. A emergência dos modernos estudos acadêmicos de religião passa pelas discussões atuais sobre se existe ou não lugar para a teologia no estudo científico da religião (ciência da religião ou ciências das religiões). Essa discussão ainda está ligada ao espectro dicotômico entre confessional/teológico e os modernos estudos de religião, aspectos ainda ligados à Europa e Estados Unidos em razão da história de colonialismo e pós-colonialismo da região. Existem várias universidades ligadas a instituições missionárias europeias e norte-americanas que oferecem estudos de religião. Também algumas universidades nacionais em novos Estados-nações independentes oferecem tais estudos.

Segundo o professor Ezra Chitando que ministra história e fenomenologia da religião na Universidade do *Zimbabwe*, (capítulo 4 – *África Subsaariana*), numerosas religiões de expressão mundial podem ser encontradas nessa vasta região, onde a religião continua a ser um elemento vibrante (*homo Africanus é homo religiosus*). A religião permeia todos os aspectos da vida africana. Pode parecer que não existem estudos de religião desenvolvidos para essa área, mas pesquisadores africanos têm apresentado inúmeros trabalhos. Esse autor delimita claramente os campos da teologia e do estudo de religiões na África, embora entenda que não existam conflitos pelo fato de que a maioria dos pesquisadores porta uma determinada expressão de fé. Tais estudos ocorrem com o suporte de centros islâmicos, faculdades de teologia ligadas a universidades confessionais e departamentos de estudos de religião em universidades estatais. As dificuldades econômicas enfrentadas pela região refletem inclusive na possibilidade de transmissão das pesquisas através de publicações especializadas, fazendo com que as vozes africanas fiquem de fora dos estudos globais sobre religião.

No sul asiático (capítulo 5) é difícil encontrar os estudos de religião como uma disciplina separada ou independente. Conforme Rowena Robinson (*Indian Institute of Technology*), a religião é estudada nas universidades mais por historiadores, sociólogos e antropólogos. Talvez por influência do antigo Império Britânico os estudos de religião na Índia, foram dirigidos a partir de um entendimento sobre a existência de um pan-hinduismo ou uma Índia hindu, que privilegiou os estudos sobre o hinduísmo, principalmente em sua vertente brahmânica. Algum lugar também se encontra para o jainismo e o budismo em razão do uso de material textual em sânscrito. Outras tradições religiosas foram claramente marginalizadas. Quanto ao sudeste asiático, Vineeta Sinha (*National University of Singapore*) se diz surpresa ao verificar que, de cinquenta universidades pesquisadas, somente quatro oferecem estudos relativos às temáticas sobre religião, uma no Camboja, duas na Tailândia e uma em Singapura, tanto em nível de graduação como pós-graduação, encapsulando uma diversidade de tradições religiosas.

O capítulo seis lança um olhar sobre dois países: China e Coreia. Em tempos antigos, usava-se na China a combinação de dois caracteres para expressar a ideia de religião: *zong* que evoca o sentimento de reverência aos ancestrais e *jiao* que significa “aprendizado” como por uma imitação de conduta superior por uma inferior, utilizados no confucionismo e no budismo. A junção das duas palavras “*zongjiao*” ocorreu por adoção e junção desses caracteres pelos japoneses. Posteriormente, essa nova palavra foi importada pelos chineses que, especificamente falando, não têm uma expressão para a palavra ocidental “religião”, conforme He Guanghu, professor de Estudos de Religiões da *University of China*. Em razão de desilusões com a revolução chinesa, crise espiritual, supressão da religião pela força e caos dos valores, ocorreu um forte crescimento de todas as religiões, principalmente do cristianismo protestante e do budismo. Chung Chin-hong (*Hallym University – Korea*) e Lee Chang-yick (*Korea Institute for Religion and Culture*) vão dizer que até o final do século dezenove, os coreanos não tinham uma palavra para expressar “religião”, embora a península coreana já estivesse impregnada de religiosidade confucionista, budista e daoista. A partir da palavra chinesa para religião, foi inventada uma nova palavra para expressar religião, isto é: *jongkyo*. Após a liberação da presença das tropas japonesas em 1945, o estudo de religião passou a se desenvolver em vários centros universitários,

mas os autores ressaltam o fato de que na Coréia do Norte o assunto “religião” é proibido, sendo apenas tolerado dentro de certo limite ideológico de matriz marxista-leninista. Atualmente os estudos de religiões adquiriram identidade própria no âmbito acadêmico, tendo a maioria dos pesquisadores optado pelo termo “cultura religiosa” em vez de “religião”.

Satoko Fujiwara (*Taisho University - Tokio*) procura em sua exposição sobre os estudos de religiões no Japão (capítulo sete) preencher aquilo que entende ser um espaço existente entre os entendimentos acadêmicos japoneses e ocidentais sobre a matéria. Os ocidentais veem o Japão como um país religioso, mas a maioria dos *scholars* japoneses veem seu próprio país como uma nação não religiosa, mesmo porque pesquisas revelam uma porcentagem de uma minoria de 30% de cidadãos que se declaram seguidores de alguma fé religiosa. Esse autor faz uma longa digressão sobre vários aspectos que diferenciam os estudos de religiões no Japão em relação aos estudos de religiões efetuados no ocidente. O Japão tem uma longa tradição de pesquisas na área, cujo marco inicial pode ser encontrado durante a Era Meiji (1868-1912) com a abertura do país ao mundo ocidental.

Uma grande mudança ocorreu em 1945 quando, após a ocupação norte-americana ocorreu um processo de desmitificação das raízes divinas da família imperial japonesa.

A Austrália, Nova Zelândia e as ilhas do Pacífico (capítulo 8) sofreram incursões de exploradores, colonizadores e missionários europeus que encontraram nesses locais culturas religiosas próprias, tempo em que diversos estudos informais foram efetivados, conforme Majella Franzmann (*University of New England – Australia*). Muitos centros acadêmicos desenvolvem atualmente pesquisas sobre as diversas religiões encontradas nessa região geográfica, porém tais núcleos de estudos lutam por independência, sobrevivência, reconhecimento e institucionalização. O Departamento de Estudos em Religião da Universidade de *Queensland* é o maior da Austrália, com campos de estudo bem delimitados em budismo, estudos bíblicos e cristianismo antigo, psicologia da religião, filosofia da religião, novas religiões e estudos islâmicos.

Quando da publicação por Mircea Eliade do livro *The History of Religions in Retrospect: 1912 and After* nos Estados Unidos em 1963, este apontou somente dois historiadores da religião, conforme afirma Gustavo Benavides (capítulo 9) do Departamento de Teologia

e Estudos da Religião na *Villanova University*. Benavides prossegue informando que se Eliade fizesse a pesquisa nos dias de hoje, a lista de pesquisadores que atuam nos Estados Unidos, acabaria por degenerar em meras listas de nomes e publicações, tal o número de envolvidos nas questões da religião. Benavides ainda tece críticas ao que chama de “monolinguismo” que prevalece nas academias norte-americanas voltadas para os temas da “diversidade” e do “outro”. Critica ainda o fato de que as teorias produzidas nas academias são negociadas nos mesmos moldes e níveis do mercado financeiro, tais como os investimentos operados pelos fundos de investimentos. O objetivo é produzir dinheiro e nada mais, exceto prestígio acadêmico. De forma geral, a regra é de que os pesquisadores não têm conhecimento do que se produz fora dos Estados Unidos, a não ser quando os textos recebem a tradução para o inglês. Tal autor ainda desnuda de forma controversa uma série de posturas dos *scholars* norte-americanos dedicados aos assuntos de religião.

O último capítulo (capítulo 10) é dedicado de forma muito apertada aos estudos de religião na América Latina. Foi elaborado pelos seguintes pesquisadores: (a) Steven Engler (*Mount Royal College – Calgary*) responsável por uma breve introdução, conclusão e a seção sobre o Brasil; (b) Anatilde Idoyaga Molina (*Universidad de Buenos Aires*) a seção sobre a Argentina; (c) Renée de la Torre (*Centro de Estudios Superiores em Antropologia Social Del Occidente - Guadalajara*) a seção sobre o México; (d) Paulo Barrera Rivera (Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo) a seção sobre o Peru; (e) Sylvia Marcos (*Escuela nacional de Antropología e Historia – México*) a seção especial sobre gênero e religião na América Latina. Não existe na Argentina uma faculdade ou departamento universitário dedicado especificamente ao campo das religiões, porém existem muitas pesquisas em andamento ligadas aos campos da sociologia, antropologia e filosofia em diversos ambientes universitários. Quanto ao Brasil, existe uma tendência de se privilegiar o estudo das religiões existentes no território brasileiro, tais como catolicismo popular, catolicismo carismático, pentecostalismo, neopentecostalismo, pluralismo religioso, religiões afro-brasileiras e outras. De maneira geral, as universidades confessionais reconhecem a inclinação não-teológica das ciências da religião, porém as universidades públicas rejeitam o campo como muito teológico. Já o interesse pelo estudo da religião no México é recente, mas, indispensável para compreensão

e modernização do curso da história desse país, bem como o entendimento da passagem de uma sociedade homogênea para uma sociedade multicultural. As elites políticas e intelectuais do Peru ao final do século dezenove “descobriram” a necessidade de se ter em conta a presença do “índio” e sua visão religiosa da terra para se poder pensar o futuro do país. Destacam-se no início do século 20 os trabalhos de José Carlos Mariátegui e Julio C. Tello. A partir de 1940, a antropologia peruana desenvolveu-se com a criação do *Instituto de Etnología y Arqueología* da *Universidad de San Marcos* em Lima. Muitos outros tópicos e perspectivas têm sido pesquisados atualmente, tais como: catolicismo popular na região amazônica, formas de pentecostalismo, Testemunhas de Jeová, presença da Igreja pentecostal Deus é Amor (de origem brasileira) em terras peruanas, crenças entre estudantes universitários e outras. Apenas o equivalente a aproximadamente uma lauda foi direcionado aos estudos de gênero e religião na América Latina, mas mesmo assim, é de se destacar que a seção América Latina foi a única em que se abordou de forma diferenciada esse tema.

Um livro que pretende mostrar o Estado da Arte no campo dos estudos de religião através de um olhar ou ponto de vista holístico, certamente receberá críticas dos pesquisadores de uma ou outra região global que poderão não encontrar sobre suas próprias regiões os dados que consideram mais relevantes para expressar o nível das pesquisas desse país ou região. É forçoso se reconhecer a dificuldade de se abarcar em um só volume o sumo das pesquisas mundiais sobre religião. Mas é preciso reconhecer também que a obra em tela preenche perfeitamente sua proposta de mostrar, ainda que como um verniz, o que se produz no mundo acadêmico sobre estudos de religião. Aquele ou aquela que desejar saber como anda a pesquisa no campo do saber dos estudos da religião certamente encontrará neste livro farta bibliografia e indicações preciosas para suas próprias pesquisas.